

O MUNDO DO ANTIGO TESTAMENTO

Um panorama geográfico

A compreensão da Bíblia tem muito a ver com o palco de atuação deste Deus nela testemunhado. Seu espaço privilegiado de ação é a história. Portanto, conhecer a realidade em que os seus interlocutores, Israel e a comunidade cristã, estão inseridos é vital para a compreensão tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento. Vamos conhecer essa realidade sob três aspectos

- O Crescente Fértil
- Palestina: a Cisjordânia e a Transjordânia
- As rotas mais importantes que ligam a Palestina

1: O crescente fértil, o grande panorama

O palco da história do povo do Antigo Testamento, isto é, do povo de Israel, abrange o território mais ao sul do corredor Siro-Palestinense indicado pelos limites de Dã ao norte na Galiléia até Bersabéia ao sul, às margens do deserto de Judá (Negueb). Aliás, ambos os lugares foram lugares de culto. Em linha reta mais de 200 km separam o norte do sul. Esse corredor era passagem obrigatória de quem precisasse sair do sul para dirigir-se ao norte ou vice-versa. O Egito precisava desse caminho para chegar até o norte da Síria ou mesmo até a Mesopotâmia. Por outro lado os povos do Norte – hititas, arameus – ou mais a nordeste – os povos

mesopotâmicos tinham que se utilizar dessa faixa de terra entre o Mar Mediterrâneo e o deserto Siro-Arábico para chegar à região sul do Nilo e do sudeste do golfo de Ácaba. Essa região desenhada no mapa do Oriente forma uma gigantesca meia-lua e que ganhou o nome de “Crescente fértil”. Circunscreve uma área verde de vegetação duradoura, cuja ponta, ao sul, inicia-se no Egito, passa pela região da Palestina, da cordilheira do Líbano, da costa siro-fenícia, do norte da Síria e dos planaltos no sul da atual Anatólia, para finalmente descer pelos vales dos rios Tigres e Eufrates e chegar ao golfo Pérsico.

No interior essa área encontra seus limites no deserto Siro-Arábico, um deserto que cobre enormes extensões da atual Jordânia, Síria e Iraque. A aspereza do clima desértico torna a região quase inóspita. No verão sua temperatura pode chegar a 50°C à sombra, e o índice de ocorrência de chuvas é baixíssimo. Com isso o crescente fértil concentrou e concentra grande parte do potencial para abrigar povos e civilizações desde os tempos bíblicos. Olhando da perspectiva dessa região desértica para a Palestina, por exemplo, esta só pode ser descrita como “terra onde mana e mel”. Esta faixa de terra entre o Grande Mar (Mediterrâneo) e o Grande Deserto (Siro-Arábico) sempre foi foco de atenção e terra cobiçada pelas potências ora do norte ora do sul. Quando não era o Egito que estendia seus tentáculos imperialistas para a região eram os hititas (antes do período bíblico) ou os mesopotâmicos. Essa região e seus povos viviam exprimidos entre um Egito querendo chegar até a Mesopotâmia e os povos do norte

querendo chegar até o Nilo. Os contrastes geográficos não ofereciam grandes chances para escapar a essa fúria das potências.

2 - Palestina – Transjordânica + Cisjordânia

A região recebe diferentes nomes: Terra de Canaã, Palestina e Terra Santa. O mais antigo que aparece no Antigo Testamento é Canaã. Em outros documentos fora da Bíblia e mais antigos do que a Bíblia Hebraica aparecem ainda nomes como “Kinahhi”, “Khuru”, “Amurru”, “Harrus”, “Retenu” e “Palashtu”.

“Canaã” etimologicamente significa “pai da púrpura” e designaria tanto a região da costa fenícia, como referência à produção de púrpura quanto a região abaixo do Líbano. O nome parece não combinar muito bem com a Transjordânia.

O nome Palestina ainda não ocorre no Antigo Testamento, mas deriva-se do nome arcaico “Palashtu”, no plural “Palashtim”, que designa os filisteus. Filisteus e israelitas disputavam o domínio da região nos primórdios da formação da monarquia em Israel. Mesmo que os filisteus não puderam se afirmar como os novos donos da região, deixaram o nome como legado até nossos dias.

A designação Terra Santa não deixa de ser inequívoca; é terra santa tanto de judeus, de muçulmanos quanto de cristãos. Palestina ainda parece melhor se adequar para delimitar a região de interesse especial para o cenário bíblico.

Várias subregiões podem ser demarcadas para um olhar mais detido. O rio Jordão que corta a Palestina no sentido longitudinal, norte-sul, estabelece regiões bem definidas: A Cisjordânia compreendendo a região entre o Mediterrâneo e o rio e a Transjordânia entre o rio e o deserto. O rio Jordão corre dentro da enorme fossa tectônica que se estende do norte da África até o norte da Síria. Suas falhas e seus afundamentos tectônicos impressionam. O rio Jordão cujas nascentes descem de cordilheiras do Líbano, ainda no nível do Mediterrâneo, formavam um primeiro lago conhecido como Hule, hoje inexistente. Às suas margens formam-se a região montanhosa da Galiléia e de Basã. O Jordão afunda drasticamente chegando ao lago de Genesaré com 211m abaixo do nível do mar. O lago de Genesaré deve seu nome à cidade de Kinneret; também é conhecido como lago de Tiberíades por causa de uma cidade do período romano do mesmo nome, situado no lado ocidental, rico em vegetação. Um terceiro nome, mar da Galiléia, o associa ao volume de água doce, por sinal, cuja extensão norte-sul ultrapassa os 20km e sua largura chega a 12km. O nível da água vem decrescendo sensivelmente nos últimos anos, mas mesmo assim continua rico em peixe. O rio corre ladeado ora por muralhas de montanhas desérticas de ambos os lados, ora com uma vegetação mais exuberante, outras vezes mais pobre. O Jordão pode ter a sua largura reduzida a apenas 3m, favorecendo a travessia. Isso acontece não muito do longe do lago de Genesaré perto da cidade Betsã por onde um ramal da estrada que vinha do mar (Via Maris) passava para chegar ao vale do

Jordão. Bem mais ao sul nas proximidades de Jericó a largura do rio podia chegar a 20 m. A cidade de Jericó, também conhecida como Cidade das Palmeiras foi erguida num oásis de rara beleza a 6 km da margem do rio. Não foi por menos que governantes como Herodes o Grande e mesmo a famosa Cleópatra do Egito a elegeram como seus lugares prediletos.

Do lado da Transjordânia o rio recebe afluentes, como o Yarmuk, o Jaboc, que descem dos planaltos, dividindo a região do lado leste, formando subáreas, cada qual ocupada por povos específicos na antiguidade bíblica. A leste do lago de Genesaré, o planalto até o rio Yarmuk, que nos tempos bíblicos ganha o nome de Basã, era ocupada por parte da tribo israelita de Manasses. Ao sul essa região se torna mais acidentada, tendo um maciço montanhoso de nome Jebel Ed-Druz que chega a 1839m.

Entre os rios Jaboc e Arnon estende-se a região onde se encontra a cidade de Mádaba; também o monte Nebo, com 808m de altura oferece uma vista privilegiada sobre o vale do Jordão. O rio Arnon despeja suas águas diretamente no Mar Morto. A cidade de Amã, antigamente Rabat-Amon, fica mais a leste como antiga capital do reino amonita. Abaixo do rio Arnon, configura-se a terra do antigo reino de Moab. É uma região montanhosa mas igualmente fértil que se estende até o Wadi Hasa, que deve corresponder ao nome bíblico Zared.

Ao sul do Wadi Hasa configura-se o vasto território montanhoso ocupado no período bíblico pelo reino de Edom. Suas

montanhas eram sua defesa natural. Suas cidades são Tafila, Ma´na e o porto de Ácaba. Entre as montanhas de cor avermelhada e de rara beleza encontra-se o famoso Wadi Rum, não muito longe de Ácaba. Mais ao norte oWadi Musa dá acesso às notáveis ruínas de Petra. Do lado leste do Mar Morto ainda desce o rio Arnon que despeja suas águas diretamente no Mar do Sal. Esse rio delimitava a região dos antigos edomitas.

O Jordão desemboca finalmente no Mar Morto com sua superfície de 403m abaixo do nível do Mediterrâneo e com o lugar mais profundo de toda a superfície do Planeta. Sua extensão norte-sul alcança 85 km e sua largura chega a 15km. A contrário do lago de Genesaré nos início do curso do Jordão com sua água doce e cheio de vida, o Mar Morto tem alto teor de salinidade, o que faz com que não haja vida nem na água nem qualquer vegetação nas suas margens. Esse fenômeno estranho deve ter impressionado os antigos; histórias como a destruição de Sodoma e Gomorra em Gn 19 querem dar conta desse lugar com essa alta concentração de sal e de outras matérias betuminosas nas águas do Mar Morto.

Ao sul do Mar morto se estende um imenso vale com um rio de leite seco, de nome Arabá (em árabe, estepe) que chega ao golfo de Ácaba, onde no tempo de Salomão foi construído um porto para sua marinha mercante mantida junto com os fenícios. Alguns rios perenes como o Zin e o Parã descem ao Árabá, além de alguns Wadis, arroios temporários.

Do lado ocidental do Mar Morto fica o deserto de Judá com costas acidentadas e como um todo uma região inóspita. Alguns Oásis como En-Gedi se destacam. João Batista teria vivido nessa região e a comunidade dos essênios estava estabelecida ali junto às cavernas de Qumrã. O forte de Massada, símbolo da resistência judaica na época dos romanos, encontra-se no alto dessas formações rochosas. Toda essa parte sul da Palestina forma um enorme sistema de terras desérticas: deserto de Judá, deserto do Negueb, chegando a unir-se com o grande deserto Siro-Arábico. Nesse complexo se insere também a península do Sinai.

3 - CISJORDÂNIA E ROTAS DA PALESTINA

Retornando agora para o cinturão verde do Crescente Fértil na Palestina, a Cisjordânia, entre o vale do Jordão e o Mediterrâneo. Estamos na região da alta Galiléia, muito montanhosa, destacando-se o monte Meron com 1208m, a cujos pés fica Nazaré. A partir daí o relevo já é bem mais suave, com colinas e vales, o que caracteriza a região da baixa Galiléia no entorno do lago de Genesaré.

Segue-se o vale de Jezrael ou planície de Esdrelon que se estende da costa do Mediterrâneo até o Jordão. Dois rios cortam esse vale; um deles é o Quison que corre em direção ao Mediterrâneo e outro toma o sentido contrário em direção ao Jordão. Essas condições favoráveis fazem do vale o celeiro da Palestina até o dia de hoje. Junto ao ribeiro Quison que Débora e

sua liga de tribos venceu cidades cananéias (Jz 5). Mais a nordeste destaca-se o monte Tabor. Num dos pontos estratégicos encontra-se Meguido, palco de inúmeras batalhas desde os tempos dos Faraós, dada a sua localização. É aí que o vale oferece passagem à planície de Saron de onde vem o Caminho do Mar. Em Meguido essa importante via se divide, dirigindo-se um braço para o noroeste, à costa tiro-fenícia e outro seguindo o vale em direção ao interior, passando por Hazor, onde cruza o Jordão para chegar a Damasco.

A partir do ponto noroeste do vale, ergue-se o monte Carmelo, onde Elias e os profetas de Baal se enfrentaram.

Aí junto ao litoral inicia-se a maior região montanhosa da Cisjordânia que ocupa toda a Palestina central. Não só sob o ponto de vista geográfico ela é importante, também historicamente ela compreende o coração da terra de Israel. A primeira zona montanhosa é a de Samaria com vales mais abertos e férteis. Suas elevações são os montes Garizim com 881m e Ebal com 940m, próximos à cidade de Siquém., uma cidade estado cananéia importante antes da formação de Israel. Garizim torna-se importante na época pós-exílica por causa do templo dos samaritanos que competia com o de Jerusalém.

Nessa região ficam além de Siquém e Samaria, aquela que foi a segunda sede do reino do Norte, Tirsa, junto às nascentes do Wadi Far´rah que é um dos afluentes ocidentais do Jordão.

A serra montanhosa segue da região de Efraim até a região de Judá. As povoações ficam praticamente nos cumes dos montes: Betel a uma altitude de 881, Silo a 915, Belém a uma altitude de 777m, Jerusalém a 760m e Hebron ainda mais ao sul fica situada a 927. Toda a região é moderadamente verde, própria para figueiras, oliveiras e, ocasionalmente, vinhedos. Trigo e cevada podem ser produzidos. O inverno é breve, entre janeiro e fevereiro, mas podendo até nevar.

A descida da região montanhosa de Efraim para a costa do Mediterrâneo é abrupta, chegando-se logo à planície. A umidade que vem mar não passa muito dessas montanhas, fazendo com que a Transjordânia logo encontre seus limites no grande deserto.

Mais ao sul, a região montanhosa de Judá, apresenta uma descida mais amena em direção ao Mediterrâneo, formando uma zona intermediária formada por colinas que recebe o nome de Sefelá. Junto com a planície, a Sefelá representa o celeiro da região sulina. Ao sul do Carmelo a planície de Saron se destaca; alguns rios cortam a planície como o Yarkon, cujas nascentes ficam na região de Efraim, nas proximidades de Afec, e desemboca junto à atual Tel Aviv. Afec foi palco de importantes batalhas porque o rio reduzia o espaço para a construção de estrada de acesso à região montanhosa. O porto de Jope ou Yaffo, em nada comparável aos portos da costa fenícia, juntamente com Dor e Cesaréia, eram os únicos praticáveis. Na costa mais ao sul estende-se a planície

ocupada pelos filisteus e suas cidade na antiguidade (Azoto, Ascalon, Gaza, Ecron e Gat).

A Cisjordânia termina pelo sul com o deserto do Negueb, formada por uma extensa planície e por montanhas. O rio Besor desce de uma de suas montanhas e desemboca ao sul de Gaza, servindo de fronteira ente a Palestina e o Sinai egípcio na antiguidade. A Bíblia menciona a Torrente do Egito como linha divisória. A cidade de Bersabéia figura como capital do Negueb, situada entre a planície e a montanha.

As rotas mais importantes

A Cisjordânia tem suas subregiões interligadas pela rota conhecida pela Via Maris que partia do Egito, margeando o Mediterrâneo passando aos pés das colinas da Sefelá em direção norte; quando chega na planície onde ficam as cidades dos filisteus , um ramal interliga as cidades de Gaza e Ascalon e Azoto e depois retorna à rota principal para chegar a outras cidades dos filisteus; passa perto de cidades importantes como Laquis em Judá e Gazer em Efraim, para finalmente perto do Carmelo ultrapassar o passo de Afec e entrar na grande e fértil planície de Jezrael com sua cidade conhecidas desde os cananeus chamada Meguido. Um ramal secundário dirigia-se a Betsã para entrar no vale do Jordão. A rota principal da via Maris avançava pela baixa Galiléia ao pé do monte Tabor, passando pela cabeceira norte do Lago de Genesaré e alcançar a cidade Hazor, não muito longe de Dã, a fronteira norte

de Israel. Nesse ponto a estrada cruza o Jordão e segue pelo planalto de Basã (colinas de Golã) para chegar a Damasco na terra dos arameus (Síria). A cidade de Damasco era parada obrigatória para caravanas comerciais ou tropas militares que se movimentavam entre Egito e Mesopotâmica. Novamente a estrada contorna o deserto e a estepe chega a Alepo para entrar pelo vale do rio Eufrates pelo norte e alcançar finalmente a baixa Mesopotâmia junto ao atual golfo pérsico.

A outra estrada de ligação tem o nome de Caminho Real e faz e interligação no lado oriental do Jordão da Transjordânia. Parte do golfo de Ácaba, com seu porto dos tempos bíblicos Asiongaber. Via península do Sinai, trilhas o ligavam ao Egito. O Caminho Real ligava cidades de Bosra do território de Edom, com cidades moabitas como Aroer e Dibon e as cidades disputadas por moabitas e israelitas de Mádaba e Hesebon com sua circunvizinhança. A rota seguia pela região mais montanhosa, com travessias difíceis dos vales dos afluentes do rio Jordão. Tudo isso era necessário para fugir do deserto inóspito. A estrada corta o reino de Amon com sua capital Rabat-Amon para, finalmente, entrar na terra israelita de Galaad com sua cidade chamada Ramot de Galaad e, via Planalto de Basã, onde se encontrava com a Via Maris e dirigir-se igualmente a Damasco.

Uma terceira opção norte-sul servia mais a necessidades de ligação entre as cidades da região montanhosa de Judá e Israel. Iniciava-se na cidade de Bersabéia no Negueb, subia até Hebron e

sempre seguindo pelos cumes dos montes passando por Belém, Jerusalém, Betel, Siquém e Samaria. Caminhos secundários podiam fazer a ligação com a Via Maris ou com o Caminho Real, seguindo por leitos de rio (Horon) ou de arroios secos (Wadi Fara´ah), sem esquecer o famoso entre Jericó e Jerusalém.

Conclusão

Essa visão panorâmica poderá ser aprofundada através de um olhar detido sobre mapas de um atlas bíblico ou de nossas bíblias. Quantos lugares geográficos na Bíblia não ganharão mais cor se olharmos para o contexto geográfico. Quantos eventos não ficarão mais claros se nos dermos conta de que só poderiam acontecer naquele lugar dada a geografia do contexto. A travessia penosa do grupo de Jacó junto Jaboc faz sentido se nos dermos conta da região acidentada que caracteriza esse afluente do Jordão. A planície torna a locomoção mais fácil, mas as cidades nessas regiões planas estavam mais expostas aos ataques externos. A região montanhosa em que as tribos de Israel e Judá se desenvolveram ofereciam mais abrigo, dificultando o acesso de carros de guerra dos filisteus, por exemplo.